

**É preciso falar sobre a morte. Alguém escuta?  
A escrita de si como alternativa ao silenciamento  
da escola em relação à dor do aluno enlutado**

Juriene Pereira da Silva

[jurienesilva@ig.com.br](mailto:jurienesilva@ig.com.br) – Professora da rede pública

Márcia Aparecida Amador Mascia

[marciaaam@uol.com.br](mailto:marciaaam@uol.com.br) - USF

**Resumo**

Este artigo tem como tema a morte e o morrer e o discurso sobre ele. A hipótese é que a sociedade contemporânea interdito a morte e o morrer, o que faz com que o sujeito que passa pela experiência da perda de um ente querido não encontre espaço para expressar sua tristeza. O artigo tem como objetivo geral repensar a educação, revisitando o tema da morte e como objetivos específicos levantar as representações acerca da morte e do morrer no discurso manifestado por uma aluna do Ensino Médio e apontar em que medida, ao falar de sua relação com a morte, o sujeito se ressignifica. A pesquisa sustenta-se nos estudos foucaultianos, da terceira fase da escrita de si e a análise se pauta nos postulados da Análise do Discurso de linha francesa, com insights da psicanálise freudiana. O corpus analisado consiste em uma entrevista com uma aluna do ensino médio - EJA. A conclusão possível leva a perceber a importância deste estudo à educação, pois traz uma discussão que se propõe ir além do pedagógico e trazer ao seu centro, não o sujeito na condição de aluno, mas a pessoa humana que existe e precisa falar. Este falar, tão necessário no discurso, apresenta a relação paradoxal entre o interdito do discurso da morte, a partir do silenciamento, e a necessidade de falar, exposta no discurso da entrevistada.

**Palavras-chave:** Morte. Educação. Escrita de si. Discurso.

**It is necessary to talk about the death. Does anybody listen?**

**The writing of the self as an alternative for the silencing  
of the school in relation to the pain of the mourning student**

**Abstract**

This article focuses on death and dying and the discourse about it. The hypothesis is that contemporary society interdicted death and dying, which makes the subject who experiences the loss of a loved one cannot find space to express his/her sadness. The article aims to rethink general education, revisiting the theme of death and the specific objectives are to raise the representations of death and dying in the discourse of a high school student and to point to what extent, when talking about her relationship with death, it ressignifies the subject. The research takes as framework Foucault's studies, specially the third phase, the writing of the self and the analysis is guided by the postulates of French Discourse Analysis, with insights of Freudian psychoanalysis. The corpus analyzed consists of an interview with a high school student - EJA. The conclusion takes us to realize the importance of this study for education, as it brings a discussion that aims to go beyond the pedagogical issue and brings to the center, not the person in the condition of the student, but the human being that exists and needs to talk. This talks, so necessary in speech, presents the paradoxical relationship between the forbidden speech from death, from silencing, and the need to speak, exposed in the speech of the interviewee.

**Key words:** Death. Education. Writing of the self. Discourse.

*O que liberou o espírito de indagação no homem não foi o enigma intelectual, e nem qualquer morte, mas o conflito de sentimento quando da morte de pessoas amadas e, contudo odiadas.*  
Sigmund Freud

## **Introdução**

Os professores se deparam cotidianamente com a necessidade de uma discussão mais profunda sobre a morte. É triste ver estudantes brilhantes se apagarem porque seus pais morreram. Com o estudante, poderíamos discutir o assunto e apoiá-lo, se tivéssemos preparados e não tivéssemos tantos problemas em relação à questão da morte e do morrer. Se não jogássemos no esquecimento nossos entes queridos já falecidos, para nos poupar da lembrança de alguém que já foi tão amado e tão necessário. É comum quando visitamos parentes, vizinhos ou conhecidos que perderam um ente querido há pouco tempo, não falarmos sobre o motivo da visita, tentamos conversar sobre banalidades porque não é de bom tom falar sobre o que faz uma pessoa sofrer. Sobre o sentimento daqueles que passam pela experiência de morte, não se fala para não magoá-lo.

A urgência da discussão sobre a morte se faz face aos acontecimentos vivenciados enquanto educadores: quando um estudante falece vítima de drogas, outro perde a namorada, entre outros casos.

O fato é que todos os homens são mortais. Sabendo-se que cada um de nós que frequentamos a escola, um dia não estaremos mais aqui, pois estaremos mortos, faz sentido sim, discuti-la na escola, onde passamos parte da vida.

A escola precisa atentar para o fato de que sua clientela passa boa parte de seu dia entre seus muros aprendendo a conviver. Faz amizades que os acompanham por toda a vida, compartilhando alegrias, progressos pessoais, profissionais, afetivos e momentos de perdas e de dores.

Este artigo se insere na área de educação e é fruto de uma pesquisa de mestrado (SILVA, 2011). O tema é a morte e o morrer e o discurso sobre ele. A hipótese é que a sociedade contemporânea interditou a morte e o morrer, o que faz com que o sujeito que passa pela experiência da perda de um ente querido não encontre espaço para expressar a tristeza, o sofrimento, sentimentos que são vividos na solidão e no silêncio; afinal, em nosso mundo o sujeito está obrigado a ser feliz (FORBES, 2012).

Contribuir para repensar a educação repensando a vida e a morte é o objetivo geral deste artigo e os específicos são: levantar das representações acerca da morte e do morrer no discurso manifestado por uma aluna do Ensino Médio e apontar em que medida, ao falar de sua relação com a morte, o sujeito se ressignifica.

O estudo proposto torna-se importante no momento em que busca suprir uma lacuna existente no sistema de ensino, onde não se discute o processo de morte do homem. É como se ela não existisse, como se fôssemos todos imortais, principalmente os jovens como diz Kübler-Ross (1998).

Segundo Martins (1983), a nossa sociedade fez da morte um tabu e, nas escolas isto tem uma consequência grave, porque o não falar traz consigo a não aceitação do outro. Alguns se perdem diante da realidade de ficar sem seus amigos queridos e por nunca haverem pensado nesta possibilidade, sentem a morte como a traição de uma promessa de vida longa e feliz.

Para a realização deste estudo aprofundar-nos-emos nos textos de Kübler-Ross (1987-1998), Martins (1983), Kovacs (1996, 2003), dentre outros e tentaremos associar a temática com a educação como fez Maria Julia Kovacs.

Como arcabouço teórico-metodológico, traremos as discussões de Foucault, em sua terceira fase, a “escrita de si” e a Análise do Discurso de linha francesa, com insights da teoria psicanalítica freudiana em alguns pontos do artigo. Coletamos os registros do *corpus* através de entrevista realizada com uma aluna que teve a experiência de morte de um ente querido.

Para Elias (2001, p.10), a consciência da morte faz parte da condição humana e diferencia a espécie humana de maneira singular entre as demais espécies da natureza:

A morte é um problema dos vivos. Os mortos não têm problemas. Entre as muitas criaturas que morrem na Terra, a morte constitui um problema só para os seres humanos. Embora compartilhem o nascimento, a doença, a juventude, a maturidade, a velhice e a morte com os animais, apenas eles, dentre todos os vivos, sabem que ocorrerão; apenas eles, podem prever seu próprio fim, estando cientes de que pode ocorrer a qualquer momento.

A ilusão que nossa cultura criou a partir de um verbo intransitivo (morrer) para não pensar na própria morte não nos traz a inexistência dela, porque ela está aí, é condição dada ao vivente, ser mortal. E por isso trazemos à discussão as idéias de alguns autores que tematizaram a morte. A importância deste estudo é relevante, pois busca no sistema de ensino, brechas para discutir questões sobre a vida e a morte. Segundo Martins (1983), a nossa sociedade fez da morte um tabu e nas escolas esta atitude tem uma consequência grave, o não falar, a não discussão mostra a não aceitação dessa experiência por parte da sociedade. Segundo Freud:

(...) essa nossa sensibilidade não impede, naturalmente, a ocorrência de mortes; quando uma de fato acontece, ficamos sempre profundamente atingidos e é como se fôssemos muito abalados em nossas expectativas. Nosso hábito é dar ênfase à causação fortuita da morte – acidente, doença, infecção, idade avançada; dessa forma, traímos um esforço para reduzir a morte de uma necessidade para um fato fortuito. (FREUD, 1925, p. 328).

A contribuição de Freud para o pensamento sobre a morte é inestimável, além dele, neste artigo, utilizar-se-á os pressupostos da Análise do Discurso de Linha Francesa (AD), que pode ser concebida pelo imbricamento da própria psicanálise, da linguística e do marxismo. Temos então o encontro frutífero entre Freud, Marx e os linguistas, entre eles, Pêcheux.

### **Análise do Discurso**

Para iniciar esta reflexão, se faz necessário apresentar alguns conceitos sem os quais não se pode pensar sobre a Análise do Discurso (doravante AD), senso eles: discurso, interdiscurso, sujeito, condições de produção, imaginário discursivo, heterogeneidade, formação ideológica, e formação discursiva.

O termo discurso conhecido em nosso dia a dia é apresentado pelo dicionário como uma “exposição metódica sobre certo assunto, arrazoadado (FERREIRA, 2000). Para a AD, no entanto, discurso é o objeto teórico dessa linha de estudos, que se produz socialmente através de sua materialidade específica (a língua); prática social cuja regularidade só pode ser apreendida a partir da análise dos processos de sua produção, não dos seus produtos.

O discurso é dispersão de textos e a possibilidade de entender o discurso como prática derivada da própria concepção da linguagem, marcada pelo conceito de social e histórico com a qual a Análise do Discurso trabalha. É importante ressaltar que essa noção de discurso nada tem a ver com a noção de parole/fala referida por Saussure (2006). Orlandi (2005, p.15) apresenta discurso como sendo “assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando.” E pode-se acrescentar que “observa-se também a mulher falando, já que o discurso é uma possibilidade humana.” (aspas minha).

Para todo discurso dito, existe também o interdiscurso, aquele que perpassa, atravessa o discurso, porque aquele ou aquela que diz o discurso não existe fora de um contexto histórico, social, religioso, científico, filosófico que lhe são contemporâneos.

Para Ferreira (2003, p. 12)

Interdiscurso compreende o conjunto das formações discursivas e se inscreve no nível da constituição do discurso, na medida em que trabalha com a

ressignificação do sujeito sobre o que já foi dito, o repetível, determinando os deslocamentos promovidos pelos sujeitos nas fronteiras de uma formação discursiva. O interdiscurso determina materialmente o efeito de encadeamento e articulação de tal modo que aparece como o puro “já-dito”.

A Análise do Discurso não existe sem a concepção de sujeito que lhe é fundamental. Para Orlandi (2005, p. 50),

A forma-sujeito histórica que corresponde à da sociedade atual representa bem a contradição: é um sujeito ao mesmo tempo livre e submisso. Ele é capaz de uma liberdade sem limites e uma submissão sem falhas: pode tudo dizer, contanto que se submeta à língua para sabê-la, essa é a base do que chamamos assujeitamento.

Este termo exige uma discussão mais aprofundada porque outros autores pensaram sobre o sujeito e tentaram defini-lo a partir daquilo que o sujeito não é como o fez Authier-Revuz (1982, p. 136) “o sujeito não é uma entidade homogênea, exterior à língua, que lhe serviria para traduzir em palavras um sentido do qual seria a fonte consciente.” A partir do que o sujeito não é pode-se ter uma idéia melhor do que ele possa vir a ser. Algo de que não se pode falar por si só.

A forma sujeito não existe *a priori*, ela se constrói a partir da historização de sua participação social e de tudo o que ela também deixa de fazer, por desejar não fazer ou por não poder fazer, não como sendo uma possibilidade superior à outra, também do seu fazer e desejar, do seu dizer de si.

Sobre o sujeito ainda podemos dizer que segundo Ferreira (2003, p.103)

Na Análise do Discurso, mais do que o sujeito, interessam as posições-sujeito, uma vez que o sujeito é pensado discursivamente como uma posição entre outras. Não há, portanto, uma forma de subjetividade, mas um lugar que o sujeito ocupa para ser sujeito do que diz.

Ainda sobre o sujeito é possível dizer que o sujeito pode manter uma relação ativa dentro de uma dada formação discursiva: assim como é determinado, também a determina, por força de sua prática discursiva. (Ferreira, 2003).

Outro fator importante na Análise do Discurso são as condições de produção. As condições de produção podem ser a época em que foi construído o discurso, sua moral estabelecida, as leis vigentes, a economia e o papel social do sujeito que constrói o discurso em tais condições, visto que ao homem medieval era inviável construir um discurso sobre transplante de órgãos ou biodiversidade, considerando-se que os temas não estavam postos para a sociedade da Idade Média e tais conceitos não poderiam ter sido construídos no discurso medieval. Para o glossário já citado acima as condições de produção:

São responsáveis pelo estabelecimento das relações de força no interior do discurso e mantém com a linguagem uma relação necessária, constituindo com ela o sentido do texto. As condições de produção fazem parte da exterioridade lingüística e podem ser agrupadas em condições de produção em sentido estrito (circunstâncias de enunciação) e em sentido amplo (contexto histórico), segundo preconiza Orlandi (2005) (FERREIRA, 2033).

Diante dessas condições de produção da imagem que o sujeito faz de si ele se mostra ao mundo num idílio de que será compreendido pelo outro como supõe ser compreendido pelo outro que ele vê no espelho.

As condições de produção inicialmente para o sujeito, elas são dadas. O ser humano nasce e nascer é um verbo intransitivo, não pede complemento. A criança nasce. Mas quem nasce, nasce numa família, numa época e em condições sociohistóricas dadas. A partir do momento em que o sujeito nasce essas condições de produção passam a ser produzidas também por ele, que vai dar significados para as coisas e para as pessoas e para si mesmo, tendo a ilusão de ser o sujeito de sua própria história, conforme nos explica Brandão (2004, p. 48):

Concebida por Foucault (1969) ao interrogar-se sobre as condições históricas e discursivas nas quais se constituem os sistemas de saber e, depois, elaboradas por Pêcheux, a noção de formação discursiva representa na Análise do Discurso um lugar central da articulação entre língua e discurso.

A partir da citação acima se pode perceber que a idéia de formação discursiva nos remete a Foucault e a Pêcheux que juntos formam os pilares da Análise do Discurso. As formações discursivas funcionam a partir de dois fundamentos: a paráfrase e a polissemia. Estes dois conceitos trazem à discussão a possibilidade de que, enquanto o sujeito tenta fechar seu discurso numa abordagem tal que o discurso fique redondo, único, significativo, a polissemia mostra suas contradições, os espaços vazios, os interdiscursos que existem nas palavras ditas pelo sujeito.

A Análise do Discurso nos oferece um instrumento de análise possibilitando o levantamento das imagens das práticas dos sujeitos que se apresentam através das técnicas do dizer de si. Um dos fatores constituintes do discurso e fundamentais da Análise do Discurso é o outro. O outro constituído na figura das pessoas que interferem no discurso do sujeito, seja de forma a justificar o discurso deste, seja de forma a contrariar seu discurso. Este Outro é uma contribuição trazida da psicanálise no seu conceito de inconsciente. É no inconsciente e suas imagens criadas a partir da percepção da realidade ou de imagens oníricas que o sujeito constitui uma forma de se perceber

como sujeito. Para o glossário citado acima, o outro na Análise do Discurso está relacionado ao conceito de alteridade formulado por Lacan, e pode ser entendido como:

Termo cunhado por Lacan para explicar a dualidade do sujeito. Vincula-se às produções formuladas a respeito da função do Eu e a complexa estrutura aí presente, envolvendo os conceitos do outro (pequeno) e o Outro (grande). O Eu não se encontra como uma forma fechada em si, mas tem relação direta com um exterior que o determina. Trata-se do sujeito descentrado: um mesmo sujeito é, efetivamente, outro (COURTINE; HAROUCHE, 1988, *apud* FERREIRA, 2003, p. 168)

Para a Análise do Discurso não importa a verdade do discurso dito, já que a verdade não é um “ser em si” como na concepção de Heidegger. Para os teóricos da Análise do discurso, não existe o “ser em si” como constituinte de uma essência, algo que só existe no âmago de cada ente. Para os pensadores da ontologia cada ente ou coisa tem em si um ser que é a sua essência ou a sua razão de existir. Assim cada semente tem em si, a árvore que um dia será, cada criança tem em si, a pessoa adulta que um dia será. Todavia para a análise do discurso, o que existe é o discurso e o sujeito que se constitui a partir do discurso que faz. Foucault (1996, p. 20) nos diz sobre os regimes de verdade que alicerçam os discursos em nossa sociedade:

Apoiados nos mesmos regimes de verdade que alicerçaram nossa sociedade, que é a mesma desde ou mesmo antes de Sócrates. Creio que essa vontade de verdade assim apoiada sobre um suporte e uma distribuição institucional tende a exercer sobre os outros discursos... uma espécie de pressão e como que um poder de coerção...E a razão disso é, talvez, esta: é que se o discurso verdadeiro não é mais, com efeito, desde os gregos, aquele que responde ao desejo ou aquele que exerce o poder na vontade de verdade, na vontade de dizer este discurso verdadeiro, o que está em jogo, senão o desejo e o poder?

Ainda Foucault nos fala sobre os regimes de verdade que alicerçam a sociedade contemporânea:

O discurso verdadeiro, que a necessidade de sua forma liberta do desejo e libera do poder, não pode reconhecer a vontade de verdade, que o atravessa; e a vontade de verdade, essa que se impõe a nós há bastante tempo, é tal que a verdade que ela quer não pode deixar de mascarar-la. (FOUCAULT, 1996, p. 20).

Sendo o sujeito constituído e constituindo a si mesmo pelo discurso que profere, a Análise do Discurso de linha francesa discute que o sujeito que profere o discurso mostra-se e constitui-se, a partir do discurso que apresenta e também a partir das lacunas deixadas nele, com ou sem a intenção de escondê-la, quanto mais o sujeito apresenta o seu discurso, mas ele se mostra a si mesmo, mais ele diz de si, mais ele escreve de si, mesmo naquilo que ele esconde.

O não dito, aquilo que o sujeito tenta esconder no seu discurso aparentemente coerente e justificado através de exemplos, de ações, de leituras, de citações, de produções acadêmicas é apresentado por Foucault como algo que a sociedade pode e trata como interdição, diz o filósofo que:

Em uma sociedade como a nossa, conhecemos é certo, procedimentos de *exclusão*. O mais evidente, o mais familiar também é a *interdição*. Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. Tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala: temos aí o jogo de três tipos de interdições que se cruzam, se reforçam ou se compensam, formando uma grande complexa que não cessa de se modificar. (FOUCAULT, 1996, p. 9).

O não dito aparece no discurso do sujeito como apresentado acima, ou como diz Foucault como intervenção do discurso social. Nem sempre o sujeito pode dizer tudo o que quer, na maioria das vezes, esse sujeito não pode, não deve e muitas outras ele não quer dizer tudo. Ele se mostra, mas também se esconde através do seu discurso.

Para a Análise do Discurso de linha francesa, não há categorias de análise, pois o sentido do discurso está no sujeito que diz ou no sujeito que lê o discurso dito por outro. Não existe um sentido pré-estabelecido no discurso. Ele não fica pronto, guardado, preservado, esperando que alguém o descubra, ele é constituído pelo sujeito que lê.

A língua que interessa à Análise do Discurso é aquela que mantém uma relação com a ideologia que pode ser observada, por isso, a contribuição do marxismo como proposta ideológica foi fundamental para a construção da Análise do Discurso, assim como a da lingüística. Sobre o discurso nos diz Foucault (1996, p.10).

Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso – como a psicanálise nos mostrou- não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que pelo que se luta o poder do qual nos queremos apoderar.

A perspectiva da Análise do Discurso é quebrar a relação aparentemente harmônica entre o emissor, a mensagem e o receptor, pois o emissor é um sujeito construído por uma ideologia e transpassado por vários outros conceitos, também ideológicos. O receptor, por sua vez, é construído por ideologias outras e transpassado por conceitos outros, estando longe de receber uma mensagem neutra, subjugada, sem intenções ideológicas.

O discurso de um sujeito é revelador também nessa forma de ser. Como um prisma, ele reflete a luz do sujeito que o diz. Não é homogêneo, não se apresenta em sua

totalidade. Em sua materialidade lingüística, reflete as mudanças no sujeito que o profere. A cada face deste prisma, o sujeito do discurso se apresenta de forma diferente, apresenta uma face que treina para mostrar-se, apresenta em seguida outra face que pretende que vejam aqueles que têm contato com o discurso proferido e também apresenta o discurso que ele, o sujeito, tentava esconder através das lacunas entre as palavras ditas.

A partir da década de 60a do século XX com Pêcheux a Análise do Discurso incorpora o discurso marxista que passa a percebê-la também como um instrumento de libertação das classes dominadas. Para Pêcheux o sujeito era dominado, centrado e o discurso era algo fechado. Esses conceitos vão sendo fragmentados com a participação de Foucault e também a de Lacan.

O sujeito deixa de ser controlado, centrado e passa a não ser nem centrado, nem controlado, mas também não pode ser controlador. O discurso não é mais homogêneo e as formações discursivas vão se alterando. Surge no discurso da Análise do Discurso de linha francesa o conceito de esquecimento. O esquecimento vem dar conta daquilo que escapa do sujeito. A originalidade do discurso é posta em questão. A discussão torna-se interessante naquilo que o discurso do sujeito tem de não controlado, de inconsciente e de ideológico.

A Análise do Discurso incorpora os conceitos de inconsciente e de ato falho para explicar o esquecimento, ou melhor, os esquecimentos, já que se trata de dois. O primeiro esquecimento trata da questão da originalidade do dizer. O segundo esquecimento trata da questão da unicidade do sentido. Esquecimento ou ilusão é a qualidade do esquecimento que permite ao sujeito produzir seja arte, seja ciência, seja filosofia, porque o sujeito esquece que tudo é já dito, tudo é memória, nada é original e por isso produz. Neste esquecimento há duas possibilidades de heterogeneidades: a heterogeneidade constitutiva que é o texto todo do sujeito, e, a heterogeneidade mostrada que são as citações colocadas no texto, mas que são dizeres de um sujeito outro. A heterogeneidade mostrada é a ilusão de que o resto do texto é do autor, porém, já não há autor, pois o tudo é já dito. É memória. Para Ferreira (2003, p 11), heterogeneidade discursiva é um:

Termo utilizado pela Análise do Discurso para destacar que todo discurso é atravessado por outros discursos. Estes diferentes discursos mantêm entre si relações de contradição, de dominação, de confronto, de aliança e/ou de complementação. Authier-Revuz (1990) distingue duas ordens de heterogeneidade: (1) a heterogeneidade constitutiva do discurso (que esgota a possibilidade de captar linguisticamente a presença do *outro* no *um* no discurso do locutor) e (2) a heterogeneidade mostrada, por sua vez, ainda segundo a autora, divide-se em duas modalidades: a marcada, da ordem da

enunciação e visível na materialidade linguística; e a *não marcada*, da ordem do discurso e não provida de visibilidade.

Uma das características do esquecimento é o fato de o sujeito esquecer que tudo o que ele diz não será entendido da forma que ele supunha ter dito ou pretendia dizer, pois não há linearidade na relação, enunciador, enunciado, enunciatário. É preciso (re)explicar o enunciado e cada vez que isso acontece corre-se o risco de que o sujeito que ouve ou que lê tenha uma idéia sobre o enunciado dito, que não seja a ideia imaginada pelo sujeito enunciador.

Com o enunciado sendo dito pelo sujeito enunciador, de uma forma e sendo recebida pelo sujeito enunciatário de outra forma surge para a Análise do Discurso a discussão sobre o sentido do enunciado. O sentido não está no enunciado, esperando para ser “decodificado” pelo sujeito enunciatário, ele, o sentido, está no sujeito que ouve ou que lê o enunciado emitido. O sujeito enunciador não existe em si mesmo, ele ocupa uma posição-sujeito, toda vez que entra em contato com um enunciado, pois ele é efeito de sentido. Após o enunciado ser recebido pelo sujeito enunciatário, ele, o sujeito enunciatário que antes ocupava um lugar que não era o do sujeito que recebia aquele enunciado, não deixa de existir, se desloca, torna-se memória; memória que, por sua vez, também é esquecimento, seja como ideologia, seja como inconsciente. O sujeito está no mundo e reage a este mundo através do discurso, ora através da ideologia, ora através de memória. Ele se constitui a cada vez que o discurso exige um deslocamento ou uma tomada de decisão para ocupar um lugar que não seja o que já está ocupando. Ele não pré existe, o discurso não pré existe. São construções do já dito, da memória.

Para se construir a Análise do Discurso se fez necessário abrir mão de saberes cristalizados e abrir-se também para novas possibilidades. Unir-se a Marx, Freud, Lacan, Foucault, Pêcheux, e Authier-Revuz é uma forma inovadora de se conceber a linguagem que é a expressão de um sujeito cujo sentido está no que diz ou no que deixa de dizer. Compreendê-lo é a função daquele ou daquela que se coloca nesta aventura.

### **A escrita de si**

Foucault para se referir ao cuidado de si traz à luz nestes tempos de transição entre modernidade e pós-modernidade, os costumes da antiguidade grega e como se davam em outros tempos esta proposta de cuidado.

O filósofo nos diz que o berço da civilização ocidental, além de outros legados, nos dotou também da consciência da necessidade do cuidado. Segundo Foucault, o cuidado na Grécia se iniciava com o jovem que era apresentado a um homem adulto e

com este aprendia os princípios do cuidado de si, a pederastia. Este aprendizado se dava a partir do cuidado do próprio corpo, em seguida, o jovem aprendia a cuidar dos outros, das pessoas da própria família e logo era apresentado ao cuidado da cidade, este sim, o fim último desta aprendizagem.

O cuidado com a cidade era representado pela atividade política, desenvolvida só por homens adultos e livres, que possuíam bens, não podendo estes mesmos homens exercerem tal atividade quando perdiam sua liberdade. Na Grécia, era comum o pagamento de dívidas através da escravidão voluntária e temporária de si e de outros membros da família. Estando, portanto, o homem, que exercia esta escravidão e apenas no momento em que a exercia, como forma de pagamento de suas dívidas em relação a outro homem grego e só aos gregos; impedido de exercer sua atividade política na Ágora, principal praça pública da cidade.

Sobre a ideia expressa acima nos diz Foucault (2004b, p.147)

Nenhuma técnica, nenhuma habilidade profissional pode ser adquirida sem exercício; não se pode mais aprender a arte de viver a *technê biou*, sem uma *askêsis* que deve ser compreendida como um treino de si por si mesmo: este era um dos princípios tradicionais aos quais, muito tempo depois, os pitagóricos, os socráticos, os cínicos deram tanta importância. Parece que, entre todas as formas tomadas (e que comportava abstinências, memorizações, exames de consciência meditações, silêncio e escuta do outro, a escrita – o fato de escrever para si e para o outro- tenha desempenhado um papel considerável por muito tempo. Em todo caso, os textos da época imperial que se relacionam com as práticas de si constituem boa parte da escrita. É preciso ler, dizia Sêneca, mas também escrever. E Epiteto, que, no entanto só deu um ensino oral, insiste várias vezes sobre o papel da escrita como exercício pessoal: deve-se meditar (*meletan*), escrever (*graphein*), exercitar-se (*gummazein*): “que possa a morte me apanhar pensando, escrevendo, lendo. Ou ainda: “Mantenha os pensamentos noite e dia à disposição(*prokheiron*); coloque-os por escrito, faça sua leitura; que eles sejam o objeto de tuas conversações contigo mesmo, com um outro(...) se te ocorrer algum destes acontecimentos chamados indesejáveis, encontrarás imediatamente um alívio no pensamento de que aquilo não é inesperado.

O cuidado de si para os gregos antigos era a base da filosofia e da política da época. Foucault nos diz: “É um gabinete médico (*aitreion*) a escola de um filósofo; não se deve, ao sair, ter gozado, mas sofrido.” (FOUCAULT, 2007, p. 61). O filósofo nos mostra que este aprendizado do cuidar de si, nem sempre é algo prazeroso ou festivo, que se pretende que seja aprendizado e para se aprender algo se não basta sofrimento e esforço, sem eles tão pouco o aprendizado é possível.

Para a compreensão das técnicas do cuidado de si, quero apresentar a comparação entre um eremita e um filósofo, comparando-os em suas diferenças e em seus cuidados para consigo mesmo de maneiras salutares. Lembrando-se que o eremita

é aquele que vive isolado numa montanha a meditar. Mas pode ser também uma pessoa que não consegue se relacionar com os seus contemporâneos e que por isso vive isolado na sua montanha social. Sendo o filósofo aqui o personagem de Gramsci quando ele diz que: “Todos os homens são filósofos”. Para cuidar de si é necessário ver-se. Para ver-se é necessário um espelho. Seu espelho é o outro. O ver-se só é possível no outro. Solitário, o eremita olha para fora, para o alto ou para o abismo. O abismo lhe tira ao mesmo tempo a oportunidade e a necessidade do contato com o outro. Ele se relaciona consigo mesmo. Essa relação lhe parece suficiente. Para Foucault (2007, p.57): “Tem-se aí um dos pontos mais importantes desta atividade consagrada a si mesmo, ela não constitui um exercício de solidão, mas sim uma verdadeira prática social.”

Em sociedade, o filósofo olha para si ao entrar em contato com o outro. O outro para Foucault não era um outro qualquer, se faz salutar ser um outro intransigente, franco, que incomode para provocar o incômodo no meio da sociedade. Incomodada, a sociedade transforma-se para continuar a mesma, revestida de novas formas de poder. Tudo parece travestido numa roupagem nova e brilhante, translúcida pela nova forma de pensar. As relações de poder não mudam, elas permanecem as mesmas. Faz-se, a sociedade então, renovada, revolucionária, incorpora saberes, produz ciência, filosofia, tecnologia. Novas ciências são criadas, e as relações de poder que outrora eram só de poder e poder econômico se transformam numa relação em que já não basta ter o poder, a terra, o ouro, também é preciso saber, por isso cria-se mais ciência, novas ciências, novas tecnologias e esses novos saberes são incorporados as imutáveis relações de poder que, segundo Foucault, já não são mais relações de poder apenas, elas se tornam relações de poder/saber.

Filosofar é cuidar de si, através do cuidado do outro, da sociedade, da política. Nenhuma prática é mais reservada na humanidade que a sexualidade. Cuidar de si, de seu corpo de sua sexualidade, utilizando-se de técnicas contemporâneas pode ser uma tentativa do sujeito, de quebrar tabu, justificar preconceitos; ou ainda justificar em nome da liberdade qualquer postura por mais que esta agrida ou incomode a si e aos demais. Foucault nos alerta que os sujeitos podem repensar-se a partir dos controles que lhe são impostos. Exercer tais controles é o cuidado de si.

Saber limitar-se para não agredir a si mesmo, nem aos outros é saber cuidar de si. Se filosofar é cuidar de si, filosofar é saber cultivar os limites.

Para a AD, um dos conceitos mais importantes é o conceito de sujeito que, em linhas gerais, é aquele que existe e a partir dessa existência constrói o próprio existir. Interfere na realidade em que existe e sua existência é interferida por essa realidade.

Não existe sujeito sem discurso e sem sociedade. Cada sujeito formata e é formatado pelo tempo e espaço em que habita, deixando de si neste existir e sendo influenciado por ambos - tempo e espaço. O discurso criado pelo sujeito não é dele; é o discurso social do seu tempo, dele é apenas o modo de dizer. A sua singularidade e contribuição sócio-histórica-cultural é o seu modo de ser no mundo, que pode modificar ou não a existência dos seus contemporâneos ou das próximas gerações.

O sujeito é em seu discurso aquilo que pretende dizer, não necessariamente o que diz. As lacunas de seu dizer sejam na fala ou na escrita também dizem muito do que desejaria não dizer. O não dito no discurso do sujeito é também uma ferramenta da Psicanálise e da Análise do Discurso, pois nestes vazios o sujeito se mostra, e nesse mostrar muitas vezes há a contradição daquilo que gostaria de ser ou de mostrar que é aquilo que com sua ação demonstra ao outro.

Esse outro com o qual o sujeito interage não necessariamente é um outro sujeito, esse outro pode ser o Outro da Análise do Discurso, o Outro como o inconsciente do sujeito do discurso. Aquele a quem ele não tem acesso no espelho. O inconsciente, muitas vezes, traz à tona ao sujeito uma pessoa que ele não conhece um lado que ele não sabe de si, e este Outro o surpreende quando da relação com a morte de um ente querido, pois segundo Freud, esse sentimento de proximidade e estranheza nos vem de gerações passadas, mesmo do homem primevo, aquele que pode ter as primeiras experiências com relação à morte em nome da humanidade:

Para o homem primevo, a sua própria morte era certamente tão inimaginável e irreal quanto o é para qualquer um de nós hoje em dia. No entanto, no seu caso, uma circunstância fez com que as duas atitudes opostas para com a morte colidissem e entrassem em conflito uma com a outra, circunstância essa que se tornou importante, produzindo conseqüências de longo alcance. Ocorreu quando o homem primevo viu morrer alguém que lhe pertencia (...) a quem indubitavelmente amava como amamos os nossos. Então, em sua dor, foi forçado a aprender que cada um de nós pode morrer, e de todo o seu ser revoltou-se contra a admissão desse fato, pois cada um desses entes amados era afinal de contas, uma parte de seu eu amado. Por outro lado, porém, mortes como essas também o agradavam, de uma vez que em cada uma das pessoas amadas havia também alguma coisa de estranho. A lei de ambivalência do sentimento, que até hoje rege nossas relações emocionais com aqueles a quem mais amamos, por certo tinha uma validade muito mais ampla nos tempos primevos. Assim, esses mortos amados também tinham sido inimigos e estranhos que haviam despertado nele certo grau de sentimento hostil.” (FREUD, 1925, p. 331-332).

Tendo discutido a noção de escrita de si, de Foucault e o inconsciente de Freud, com relação à morte, a seguir, apresentamos autores que tomaram a morte como objeto de pesquisa.

## Da morte e do morrer

Dentre os autores que utilizaremos para auxiliar na discussão sobre a morte e o morrer e a atividade educativa, ressaltamos a teoria de Elizabeth Kübler-Ross e Maria Júlia Kovacs.

### ELIZABETH KÜBLER-ROSS

Psiquiatra americana, pioneira no estudo sobre a morte e o morrer em hospitais. O estudo realizado por Kübler-Ross (1987), “Sobre a morte e o morrer” apresenta a teoria sobre os estágios do luto: a negação, a raiva, a barganha, a depressão e a aceitação.

O primeiro deles é a negação e o isolamento. Ao tomar conhecimento da fase terminal de sua doença, a maioria dos pacientes moribundos que entrevistamos reagiu com esta frase. “Não, eu não, não pode ser verdade”. Essa negação inicial era palpável tanto nos pacientes que recebiam diretamente a notícia no começo de suas doenças quanto naqueles a quem não havia sido dita a verdade, e ainda naqueles que vinham a saber mais tarde por conta própria. (op., cit. p.49).<sup>1</sup>

(...)

Quando não é mais possível manter firme o primeiro estágio de negação, ele é substituído por um sentimento de raiva, de revolta, de inveja, de ressentimento. Surge logicamente uma pergunta: “Porque eu?” (op., cit. p.61).

(...)

Contrastando com o estágio de negação, é muito difícil do ponto de vista da família e do pessoal hospitalar lidar com o estágio de raiva. Deve-se isto ao fato dessa raiva se propagar em todas as direções e projetar-se no ambiente, muitas vezes sem razão plausível (op., cit. p.62).

A reação dos parentes é de choro, e pesar, culpa ou humilhação; ou então, evitam visitas futuras, aumentando no paciente a mágoa e a raiva. O terceiro estágio, o da barganha é o menos conhecido, mas igualmente útil ao paciente, embora por um tempo muito curto (op., cit. p.62).

(...)

A maioria das barganhas é feita com Deus, são mantidas geralmente em segredo, ditas nas entrelinhas ou no confessionário do capelão (...) Psicologicamente, as promessas podem estar associadas à culpa recôndita. O quarto estágio é o da depressão. Quando a depressão é um instrumento na preparação da perda iminente de todos os objetos amados, para facilitar o estágio de aceitação, o encorajamento e a confiança não tem razão de ser. (op., cit. p.93)

Kübler-Ross mostra aquilo que Freud apresentara; que ao ser humano é impossível conceber-se como um ser mortal. A raiva inicial é compreensível num paciente terminal porque, se todo ser humano se pensa imortal é natural que se sinta traído nessa promessa de imortalidade, que criou para si, na ilusão que viesse a ser cumprida. Quando o sujeito se relaciona com a possibilidade da morte imediata de si mesmo, como uma realidade, surge a barganha, que se apresenta como uma possibilidade de “enganar”, não mais a si mesmo, mas a morte. Conta-se, nessa

---

<sup>1</sup> Fizemos um recorte nas citações, por isso, elas se referem a diferentes páginas da mesma autora e mesma obra.

barganha, com o possível direito de defesa realizado com o transcendente. É a Deus como juiz maior que se apela neste momento de desespero. Inicia-se, então, uma série de promessas, conforme a crença do moribundo ou de familiares. Espera-se a defesa da vida diante da ameaça da morte, contando-se neste momento com a intervenção maior da transcendência.

O desafio que se apresenta àquele que lida com a morte do outro, ou que tem diante de si a iminência da própria morte, é a maneira como tratará a questão, e o tempo que haverá para se manter tal relação e qualidade de existir nesta relação com o moribundo ou com aquele que perdeu um ente querido ou ainda consigo mesmo, na condição de moribundo, ou futuro finado.

O próximo estágio traz a importância desse momento com relação à família do moribundo e como essa modifica a qualidade de vida nos seus últimos momentos; assim como pode intervir na forma como a educação contribui para torná-lo uma experiência pedagógica *sui generis*:

O paciente não deveria ser encorajado a olhar o lado risonho das coisas, pois isto significaria que ele não deveria contemplar sua morte iminente. Dizer-lhe para não ficar triste seria contraproducente, pois todos nós ficamos profundamente tristes quando perdemos um ser amado. No pesar preparatório há pouca ou nenhuma necessidade de palavras... um afago nos cabelos, um toque nas mãos já é suficiente. Não se confunda aceitação com um estágio de felicidade. É quase uma fuga de sentimentos. É como se a dor tivesse esvanecido, a luta tivesse cessado e fosse chegado o momento do “repouso derradeiro antes da longa viagem”. É também o momento em que a família carece de ajuda, compreensão e apoio, mais do que o próprio paciente; à medida que a véspera da morte encontra uma certa paz e aceitação, seu círculo de interesse diminui. (op., cit. p. 97)

Diz a psiquiatra, que as pessoas à beira da morte passam por este processo quando a morte é precedida de um longo tempo de enfermidade. E para Kübler-Ross, o prolongamento da doença era uma oportunidade para refazer laços que haviam se soltado por mágoas, intrigas, brigas entre familiares e amigos ou para resolver as ausências que a vida traz. Seus pacientes foram estimulados a falar sobre o adoecimento e inicialmente se mostravam indispostos. A Dra. Kübler-Ross ia se tornando mais próxima e com o tempo que se escasseava para esses, falavam de medos, desejos, sonhos e refaziam suas relações e depois de resolverem estas perdas, morriam.

#### MARIA JULIA KOVACS

Pesquisadora da USP que discute como a educação pode auxiliar no processo de perda de um ente querido, como auxiliar crianças, adolescentes e adultos enlutados. Diferente dos outros estudiosos citados que relacionam à questão da morte com o

Revista Educação e Cultura Contemporânea. Vol 11, n. 23

adoecimento e a hospitalização, Kovacs discute a morte e o processo do luto dos parentes, familiares e amigos. Criou uma série de vídeos para promover o debate sobre a morte da educação infantil até o ensino médio, chamada “Conversando sobre a morte”.

A sociedade ocidental vive momentos muito violentos e a morte se apresenta todos os dias em noticiários de TV, ou é usada como argumento para castigar os personagens de novela, seriados e filmes que se comportam mal durante a trama.

Porém, quase não se fala a respeito da finitude da vida. É como se cada ser humano fosse viver eternamente. Mas cada ser humano também sabe que é mortal e que não viverá eternamente, nem ele, nem seus entes queridos.

A sociedade capitalista precisa vender seus produtos e, para isso, precisa de consumidores vivos, jovens e de preferência, bonitos. Procura ocultar das crianças e jovens sobre o fim da vida e muitos deles chegam à maioridade sem nunca terem participado de um velório ou funeral, mesmo quando o morto é alguém muito próximo. À criança, dizem não querer expô-la à dor. A morte é então apresentada à criança ou ao adolescente em filmes de terror ou dramas. Mas para Kovacs (2003, p.45):

Acredita-se que, ao não falar, a criança não perceberá que uma dada morte ocorreu. Esquecem-se, os adultos, do quanto ela é observadora: sente que a rotina doméstica se alterou, nota os olhos vermelhos e inchados, e percebe que todos estão agindo de maneira diferente da usual.

Com o interdito da morte na sociedade contemporânea, os antigos ritos que acompanham o acontecimento do morrer numa família e numa comunidade não estão mais presentes. Antes, morria-se no aconchego da casa onde morava-se, o momento final da vida era tal qual o momento de nascer, cercado por pessoas amadas, que tinham com o moribundo uma relação de afeto. Depois que a morte foi interditada, morre-se cada vez mais solitariamente, em hospitais ou UTIs, cercado por pessoas estranhas, ou, ainda pior, por aparelhos os quais não se sabe bem para que servem. Os parentes, familiares e amigos, quando estão no hospital, não podem estar perto do moribundo. Os profissionais que assistem a morte, não raramente naquele momento, têm o primeiro contato com o doente.

Se o assunto da morte e do morrer, como consequência natural da vida, fosse discutido e estudado, na escola de ensino médio, poder-se-ia ter uma educação mais humanizada, assim como se propõe para a saúde. Humanizar a educação é também mostrar a estudantes e professores que, como seres vivos, somos necessariamente mortais e podemos nos preparar para esse momento, vivendo uma vida com menos ansiedade, expressar nossos sentimentos e discutir nossas necessidades. Isso nos daria

uma dimensão de humanidade mais profunda, o que nos possibilitaria aproveitarmos melhor a vida.

Diante desse pensamento sobre a morte, colocamos a questão do cuidado de si e da análise do discurso, pois desde a Grécia antiga era uma prática que permeava o curso da vida humana, ensinado aos jovens para que aprendessem a amar a vida, a cidade e a preparar-se para deixá-las.

Escrever para quem o faz passa a ser uma atividade de dizer-se e de cuidar-se, sendo esta escrita, como propõe Foucault (2004a, 145) é:

A escrita de si aparece aqui claramente em sua relação de complementaridade com anacorese; ela atenua os perigos da solidão: oferece aquilo que se fez ou pensou a um olhar possível; o fato de se obrigar a escrever desempenha o papel de um companheiro, suscitando o respeito humano e a vergonha; é possível então fazer uma primeira analogia: o que os outros são para o asceta em uma comunidade, o caderno de notas será para o solitário.

Outra forma de cuidado de si é o dizer de si. É constituir-se através da palavra falada, é o caso de nossas entrevistadas, que aceitaram dividir suas histórias de vida, suas dores e de como se deu sua (re)significação após a morte de um ente querido.

A seguir, apresentamos o sujeito de pesquisa e suas dores perante a morte.

### **Análise – Rosa e a escola: A cor do aconchego e o perfume do silêncio**

Rosa era aluna do ensino médio de uma turma de EJA. Divorciada, não tem filhos, mora sozinha, é responsável pelo próprio sustento. Quando do início do ano letivo, Rosa, se apresentando, disse que o seu objetivo na escola era tornar-se a pessoa que seu filho queria que elas fossem a. Algumas conversas depois, Rosa se tornou uma de nossas entrevistadas e sua entrevista trouxe profundidade e clareza suficientes para ser inserida na pesquisa da qual surgiu este artigo.

Uma das características do discurso de Rosa é o fato dela se referir ao filho morto apenas como “meu filho”. Ela não disse, em momento algum de nossa entrevista, o nome do filho. Esse silenciamento do nome do filho aponta para o grau de fragilidade no qual ela se encontrava após o evento da morte dele.

Rosa se considera uma pessoa forte que precisa superar a morte do filho “adolescente” que morreu de “infarto clínico devido a uma crise de bronquite”, com dezoito anos de idade.

Os sentimentos expressos por ela em relação a seu filho são de saudade, admiração e principalmente perda, pois, segundo Rosa, a perda de um filho é “uma dor que não tem superação, uma dor que não tem igual, não tem comparação”. O termo

“comparação”, dito por Rosa consiste numa materialidade linguística em que haja a possibilidade de se comparar dores, numa graduação de suportável ao insuportável. Sendo a maior entre elas, a perda de um filho.

Rosa, toda vez que fala da experiência de ser mãe de um filho morto, diz da sua dor, do sentimento de pesar e, por diversas vezes, ela se refere à morte do filho como uma “perda”. Rosa perdeu muito. Perdeu a mãe, perdeu a adolescência, sendo mãe aos catorze anos, perdeu o marido, perdeu o casamento, perdeu o filho, perdeu o neto e perdeu a casa. A mãe, ela perdeu aos quatro anos de idade. O casamento, porque o marido a traiu e, diz; “não consigo viver na mentira... Acabei com meu casamento porque fui traída.”. O filho perdeu por causa de uma crise de bronquite, com “infarto clínico atestado pelos médicos”. O neto, a nora não a deixa vê-lo.

O discurso de Rosa deixa claro que ela não tem um projeto próprio de vida. É interessante notar como as coisas vão acontecendo em sua vida e ela vai assumindo papéis, sob as expectativas de outros. Ela se casou com quatorze anos, dizendo que “decidi me dedicar ao meu filho e ao meu marido”. O não dito e que lhe escapa é que uma adolescente de quatorze anos não decide se dedicar ao filho e ao marido, a gravidez “não planejada” é que faz a adolescente “resolver” se dedicar à família que foi iniciada, “por acaso, ou acidente”. O sujeito (Rosa) não decide, as contingências da vida é que lhe conduzem a “decidir”, a se responsabilizar ou assumir um fato.

Rosa se apresenta de maneira singular. Sobre si mesma diz: “Meu nome é Rosa. Eu tenho 40 anos. Eu sou empregada doméstica”. Nessa condição que Rosa se percebe como pessoa que tem uma idade, uma profissão. Mas, não apresenta sua situação de vida ou seu estado civil. Ser empregada doméstica, em sua materialidade linguística, é mais importante do que ser casada, solteira, divorciada ou mesmo estudante, sendo que a entrevista foi realizada na escola.

Em anexo, apresentamos a entrevista de Rosa, sobre a qual incide a análise que se segue.

A entrevista de Rosa transcrita, em anexo, mostra como ela lida com a morte do filho após cinco anos do acontecimento. Percebe-se a certeza que Rosa tem que não conseguirá superar a morte do filho, em suas palavras, ela deixa claro que “Um filho, um pai, uma mãe, um irmão que você perde. Você consegue superar mais rápido, mas um filho. É uma dor que não tem o que você dizer, não, sabe eu vou superar. Não tem superação. Um filho é uma dor que não tem superação”. Percebe-se claramente, a partir deste excerto discursivo que Rosa não tem dúvidas sobre sua incapacidade de superar a perda de seu filho.

Para Freud esta atitude já é esperada em nossa sociedade, sobre ela ele diz:

O complemento a essa atitude cultural e convencional para com a morte é proporcionado por nosso completo colapso quando a morte abate alguém que amamos. (...) Nossas esperanças, nossos desejos e nossos prazeres jazem no túmulo com essa pessoa, nada nos consola, nada preenche o vazio deixado pelo ente perdido. (...) (FREUD, 1925, p. 328).

Ao analisar o discurso de Rosa sobre a morte de seu filho percebe-se que no início da conversa, ela faz uma consideração em relação ao tempo, dizendo: “Há cinco anos. Faz cinco anos” ela se refere ao tempo que já se passou desde a morte dele. Rosa conta o tempo passado após a morte, de maneira que com essa contagem pudesse conviver melhor com o fato. Quando todo dia 22 do mês, o dia em que ele morreu, ela “comemora” ou se lembra do acontecimento como algo que a acompanha cotidianamente: ela é neste momento, o que sobrou (dela) depois do acontecimento que moldou o resto de sua vida (a morte do filho).

De outra maneira, Rosa apresenta esse conviver citando por duas vezes a causa da morte. “Infarto clínico, constatado pelos médicos, infarto clínico”. Dizer infarto clínico para ela significa ter uma explicação para a morte dele. A busca do argumento de autoridade, em relação ao seu dizer “constatado pelos médicos” dá o suporte necessário para que ela possa explicar a si mesma que não foi qualquer morte e não foi qualquer um que disse do que ele morreu, foram os médicos que constataram. Eles estão autorizados a discursar sobre a morte em nossa sociedade. Seu filho teve sua morte constatada pela autoridade da medicina, ele não morreu de qualquer coisa, o “infarto clínico”, quem constatou foram os médicos. Essas materialidades lingüísticas associadas ao discurso médico, como “infarto clínico”, “constatado pelos médicos” e “crise de bronquite”, demonstram uma das crenças da sociedade necessárias para Rosa continuar a viver: seu filho não foi abandonado por ela. Nem depois de morto, mesmo morto, ele foi levado ao IML. Percebe-se, neste excerto, a busca do sentido que a morte desperta.

Busca esta que surge novamente quando ela diz: “Aí foi...” E fica sem palavras. Não há mais o que dizer. Não há sentido. O verbo “ir” no pretérito perfeito não pede complemento. É um verbo intransitivo, mas da forma que Rosa coloca, fica claro que ela não tem mais o que dizer, porque ela ficou sem palavras, se indagando qual o sentido da morte? Ela não consegue continuar a frase. As reticências explicam melhor o sentimento que a falta de sentido tem. Não há o que fazer. Ele está morto, por alguns segundos, não há o que fazer. Esta falta de sentido que a morte deixa ao se apresentar é discutido por Kübler Ross (1991, p. 304) como sendo o primeiro estágio do luto, como observamos na citação acima.

Ao falar de seu filho, Rosa tem um comportamento muito interessante, ela nunca o nomeia, refere-se a ele como “ele” ou “meu filho”, constantemente faz isso, de forma que se torna característica no seu discurso. Ela fala de si sempre como “eu”. Apresenta-se no pronome pessoal, na primeira pessoa do singular. Nunca diz o “nós”, num significado de família, ela se refere ao “meu filho, meu marido, meu neto, minha mãe”, da mesma forma que se refere às coisas “minha casa”. Os pronomes possessivos “meu, minha” são incontáveis, assim como o “eu”, e quando fala do filho é sempre “ele ou dele”. Essa materialidade de falar de si, a partir da primeira pessoa, sempre, aponta para um efeito de sentido de solidão, de abandono. Se sente abandonada pela mãe, pelo filho, pelo marido, pela nora, etc.

Rosa se apresenta na situação de mãe de um filho morto e diz que teve com seu filho uma conversa sobre a paternidade e afirma: “Ele conversou comigo e disse: Mãe eu vou engravidar a T”. Numa interpretação, dificilmente este diálogo ocorreu da forma como está posto. Sendo uma criação livre e a explicitação do desejo de Rosa de ter (tido) uma relação perfeita com seu filho, relação esta em que houvesse espaço para este tipo de diálogo e abertura suficiente para que ele acontecesse desta forma. Um rapaz de dezessete anos, que namora uma moça de dezesseis, dificilmente teria maturidade para decidir ter um filho, planejar o nascimento dele e ainda contar para sua mãe o que iria fazer. Mais raro ainda seria uma mãe concordar com esta gravidez e auxiliá-lo a planejá-la sabendo que seu filho de dezessete anos tinha uma saúde muito frágil e ainda não era suficientemente independente para tomar tal decisão.

Para Freud, este papel do morto na sociedade como idealização daquele que perde um ente querido acontece porque,

Para com a pessoa que morreu adotamos uma atitude especial- algo próximo da admiração por alguém que realizou uma tarefa muito difícil. Deixamos de criticá-la, negligenciamos suas possíveis más ações, (...) e julgamos justificáveis realçar tudo o que seja de mais favorável à sua lembrança na oração fúnebre e sobre a lápide tumular. (FREUD, 1925, p. 328).

Neste sentido o discurso de Rosa sobre sua relação com o filho ilustra as palavras de Freud quando ela diz:

*Devido à relação que eu e ele tínhamos. Nos não éramos mãe e filho, nos éramos amigos. Eu contava tudo pra ele. Ele contava tudo pra mim. Eu criei ele assim. Eu fui pai e mãe dele porque a parte afetiva, ele era pequeno, eu reunia os amigos dele e ia jogar bola com eles. Ele queria ir pro parque era eu que levava. Era eu que brincava com ele nos brinquedo. Eu perdi a minha mãe com 4 anos. Minha mãe era alcoólatra. Eu não consigo sentir nada pela minha mãe. Eu não consegui sentir falta dela. Eu queria ser pro meu filho o que a minha mãe não foi pra mim. E isso eu sei que eu consegui. Eu sei que ele se*

*foi, mas eu sei que eu consegui ser a mãe que eu queria ter tido. E eu não tive. Me faz falta sim. Me dói muito porque eu não perdi um filho só. Eu perdi a minha companhia. Eu perdi tudo.*

O fato de ter perdido a mãe aos 4 anos de idade fez com que Rosa resolvesse ser para o filho a mãe que ela não teve, ou em outras palavras ela tenta compensar em sua relação com o filho a relação idealizada que ela buscava entre si e sua mãe. E então nada melhor para idealizar esta relação do que a morte de seu filho. É na morte de seu filho e na idealização de sua relação com ele que Rosa busca consolo pelo possível fracasso de sua relação com sua mãe.

Rosa resolve ser não a pessoa que ela deseja ser depois da morte do filho, ela decide ser “a pessoa que seu filho queria que ela fosse”. Em sonho, ele lhe diz que quer que ela esteja bem, porque ele está bem. A partir de então, Rosa passa a tentar realizar o sonho de pessoa que acredita que o seu filho desejava que ela fosse. Trabalhadora, estudante, dona de casa, porém sem tempo para si. Sem tempo para pensar em si. Esse abandono de si diante da morte de um ente querido foi pensado por Freud quando ele afirma que:

(...) essa nossa atitude para com a morte exerce poderoso efeito sobre nossas vidas. A vida empobrece, perde em interesse, quando a mais alta aposta no jogo da vida, a própria vida, não pode ser arriscada. (...) Nossos laços emocionais, a insuportável intensidade de nosso pesar, nos desestimulam a cortejar o perigo para nós mesmos e para aqueles que nos pertencem. (...) Ficamos paralisados pelo pensamento de quem irá substituir o filho junto à mãe, o marido junto à esposa, o pai junto aos filhos, se sobrevier um desastre. (FREUD, 1925, p. 328-329).

Esse desastre a que Freud se refere ainda é a maneira como a escola constrói o seu papel nesta discussão. Existe um silenciamento absurdo em relação à morte, e, como reflexo do silenciamento, a escola não se furta ao papel social de não dizer, de interdito.

Para Rosa, a escola tem papel fundamental na sua resignificação como sujeito. Ela muda sua trajetória de dor e sofrimento a partir da escola. Voltar à escola significa para Rosa voltar a si, voltar à vida, resignificar-se.

### **A Morte na voz de quem ficou**

A necessidade de falar sobre a morte dos entes queridos surge no discurso sobre a omissão do assunto na escola e da impossibilidade de falar sobre a morte com colegas e professores.

A ausência do nome do morto é algo considerável, assim como a escola como referência de volta à vida, no caso de Rosa. A presença do duplo silenciamento: não se fala o nome do morto, não se fala do sofrimento dele.

Também aparece muito enfaticamente o discurso de vitimização da entrevistada em relação à vida. Ainda há de se destacar a inexistência da entrevistada antes da morte do filho, ilustrado no excerto a seguir:

*... Me faz falta sim. Me dói muito, porque eu não perdi um filho só. Eu perdi a minha companhia. Eu perdi tudo. Tem dia que eu paro, eu falo: Meu Deus eu não vou agüentar. Tem dias que eu falo: Eu não vou pra escola. Eu vou trabalhar porque eu tenho que trabalhar. Tem dias que eu falo, eu vou cair numa depressão, mas eu tenho que lutar contra isso porque eu sei que não era isso que ele queria...*

Neste trecho da entrevista, Rosa apresenta sua confusão. Ela parece bem confusa com relação aos seus desejos, sua reação e mesmo sua luta para continuar vivendo. Outra vez, nota-se a repetição, um efeito de retórica no seu discurso. Por três vezes, Rosa inicia a oração com “*tem dias que eu*”, seguido de um verbo de ação “falar” e de uma consequência negativa, referente à perda, ela fala “*não vou agüentar*”, “*não vou para a escola*” ou ainda “*eu vou cair em uma depressão*”. As materializações de tais sentimentos, no discurso, indicam certa consciência e luta de nosso sujeito contra tais efeitos negativos em sua vida. Mas, no final do excerto, Rosa quebra esse dizer negativo com um “mas” que instaura o efeito de luta de nosso sujeito, como em “*mas eu tenho que lutar contra isso porque eu sei que não era isso que ele queria.*”. Quem não queria? O filho. E é por ele e, de modo especial, por uma memória idealizada que Rosa decide continuar a vida. Ademais, observa-se que Rosa fala consigo própria. Trata-se de um efeito do discurso do sujeito que está rememorando algo e diz de si no ato da enunciação, como se tivesse falando consigo próprio em um passado.

Em seguida, Rosa volta a falar do filho morto e de como ele era uma pessoa maravilhosa. Podemos notar que ela está falando como mãe e que, para ela, seu filho era perfeito. Depois de morto, ele passa a ser idealizado, como já dissemos acima, neste artigo.

*... eu comecei lembrar das conversas minhas com ele, quando ele falava: mãe você precisa reagir. Eu sonhava com ele. Eu conversei com ele em sonho, ele só falou assim pra mim: Mãe eu estou bem, eu só preciso que a senhora reaja...*

A idealização do filho de Rosa apresenta diversas nuances. Neste excerto, Rosa idealiza sua relação com o filho transcendendo a morte, pois o filho, mesmo morto e por esta condição, ou não podendo estar presente em corpo, se utiliza do mecanismo do sonho para ajudá-la em sua dor. Rosa, primeiramente, diz se “*lembrar das conversas minhas com ele. Quando ele falava: mãe você precisa reagir*” e, em seguida, surge o discurso sobre o sonho na mesma frase “*Eu sonhava com ele. Eu conversei com ele em*

*sonho, ele só falou assim pra mim: Mãe eu estou bem, eu só preciso que a senhora reaja”.*

Neste excerto, Rosa inicia dizendo que conversava com o filho sobre sua reação e depois que sonhava com ele sobre a sua reação diante da morte dele. Mas, para que Rosa pudesse reagir se fazia necessária a certeza que o filho estava bem, por isso, ele lhe diz em sonho: *“Mãe eu estou bem, eu só preciso que a senhora reaja”*. Podemos concluir que a reação de Rosa não é uma decisão sua, e, sim, a necessidade do filho morto. Rosa só decide reagir, quando o filho lhe diz em sonho, lhe dando o aval; *“eu só preciso que a senhora reaja”*. Ela utiliza do discurso idealizado, como sendo do filho, o verbo “preciso” na primeira pessoa do singular (eu) no sentido de ser “necessário, urgente”, o filho necessitava de maneira urgente da reação de Rosa, por isso, ela está autorizada a reagir. Interessante também é notar o tempo em que o verbo está conjugado, o presente, o filho diz *“eu preciso”*, depois de morto, em sonho, ele ainda precisa que ela reaja. A reação de Rosa se dá a partir da necessidade do filho. É o filho que precisa de sua reação, não ele que precisa reagir. É o filho morto de Rosa, aquele que cuida dela que lhe autoriza a reagir. Ainda aquele que *“veio por causa do (seu) sofrimento”*.

### **Algumas considerações (ou) Há vida depois da morte, para os vivos?**

Um das considerações a que podemos chegar é que sobre a morte e o morrer precisamos ouvir mais do que falar, pois Rosa, nessa entrevista, mostrou a necessidade de falar como característica de seu discurso.

Outro ponto que merece destaque é a forma como essa mulher se constitui a partir da morte do outro. A forma como ela se ressignifica como sujeito em relação à morte de um ente querido e o dizer de si a partir desta constatação.

Rosa, que desistiu de seus sonhos para sonhar os sonhos de outros, se vê na situação de quem foi abandonada e percebe o quanto abandonou a si mesma em função da perda de um ente querido. Quando da perda desse ente querido e da dor que passou a experimentar, da ausência de si que experimenta, a partir da constatação do próprio abandono, por causa da ausência do seu objeto de cuidado, o morto; ela sucumbe e, ao sucumbir, percebe que ou se entrega e perde a vida em vida definitivamente, ou se fortalece, aprofunda seu perfume, intensifica sua cor e demonstra ser bem mais que aquela flor apagada, desidratada e quase morta com a qual nos deparamos no início da entrevista. Esse comportamento descrito por nossa entrevistada ilustra o primeiro estágio sobre a morte e o morrer relatado por Kübler Ross (1992, p. 52), que é o de

negação e de isolamento, que “funciona como um para-choque depois de notícias inesperadas e chocantes.” Então surge a necessidade de falar sobre a morte do ente querido, sustentando o paradoxo existente caracterizado pela interdição da morte e a necessidade de confissão sobre a morte, enquanto apresenta o duplo silenciamento diante da morte: omissão do nome do morto e do sofrimento dele no momento da morte. Rosa não cita na entrevista o nome dos seus “mortos” (nem da mãe, nem do filho, nem do marido e nem do neto). Ela fala do seu sofrimento de mãe, mas sobre o sofrimento do morto de quem fala, no momento da morte, não expressa nenhuma palavra. O silenciamento é tão profundo quanto o interdito que representa. Esses silenciamentos caracterizam o estágio de raiva relatado por Kübler Ross (op. cit, p. 65), quando diz: “um paciente (aluno) que é respeitado e compreendido, a quem são dispensados tempo e atenção, logo abaixará suas exigências irascíveis.”.

Outro silenciamento apresentado no discurso da entrevistada é o da idealização do morto como silenciamento dos (sobre os) defeitos; pois em momento algum, Rosa apresenta características negativas de seus entes queridos mortos.

Outro ponto que merece destaque é a forma como o sujeito se constitui a partir da morte do outro. A forma como ela se ressignifica como sujeito a partir da morte de um ente querido e o dizer de si a partir desta constatação. Essa ressignificação ocorre com a volta à vida. Vida que é sinônimo de volta às atividades esquecidas por anos, que só quem levou a vida em função da vida de outro consegue compreender. Neste momento, podemos observar uma barganha inconsciente, que caracteriza o terceiro estágio defendido na obra de Kübler Ross, (op., cit, p. 97) quando diz: “a barganha, na realidade, é uma tentativa de adiamento; tem de incluir um prêmio oferecido ‘por um bom comportamento’”, estabelece também uma “meta” autoimposta e inclui uma promessa implícita de que o paciente (aluno) não pedirá outro adiamento, caso o primeiro não seja concedido. Esse retorno à vida é caracterizado pela volta à escola e ao trabalho concomitantemente. Voltar à escola é voltar à vida social, é ter amigos novamente, ter um local para frequentar, ter a quem se mostrar. Sentir-se orgulhosa de si mesma quando consegue terminar o curso iniciado. Voltar ao trabalho ou ao emprego é ter uma condição financeira para manter-se nesta nova vida ressignificada. Apresenta, então, o quinto estágio, o da aceitação, defendido por Kübler Ross (op., cit. p.126) “não é um desânimo resignado e sem esperança, um senso de ‘o que adianta?’ ou ‘não aguento mais lutar’, embora se ouçam também estas frases.” Lembramos que ao dizer de si, já saiu da fase de depressão, o quarto estágio, por que já estava no quinto estágio, o da aceitação.

Voltar à escola, ter amigos, voltar a ter uma vida social traz, também, a necessidade de (re)adaptação social e, nesse momento, percebe que na mesma escola em que encontrou o aconchego de retorno, também, encontra o interdito social sobre a morte. Nela, há assuntos que não se pode falar, a morte é um deles, contrariando a sua necessidade de expor-se, expressar-se sobre a morte de seu filho, razão maior que a levou à escola. Então, surge outro paradoxo: não se pode falar sobre o assunto que a levou a ter força para estar ali, lugar este que lhe revelou a capacidade de retorno à vida.

Quanto mais diz de si, neste novo momento de vida, mais diz da escola, mais apresenta em seu discurso a necessidade que tem de frequentar a escola. Frequentar a escola, ter acesso ao conhecimento e vislumbrar outras perspectivas tira-lhe da condição de mãe de um filho morto e eleva-a a condição de mulher que tem um nome, uma família, uma vontade de ser Rosa. Ao seu modo, mas com sua cor bem mais intensa e seu perfume mais forte. O “cuidado de si”, representado na máxima aristotélica: “Conhece-te a ti mesmo”, surge no pensamento clássico pela máxima de que o ser humano precisa aprender a cuidar de si para, em seguida, aprender a cuidar da cidade e da política, nessas palavras:

*A epiméleia heautoû* (o cuidado de si) e a regra que lhe era associada não cessou de constituir um princípio fundamental para caracterizar a atitude filosófica ao longo de quase toda a cultura grega, helenística e romana. Noção importante, sem dúvida em Platão. Importante nos epicuristas, uma vez que em Epicuro encontramos a fórmula, que será tão frequentemente repetida: Todo homem, noite e dia, e ao longo de toda a sua vida, deve ocupar-se com a própria alma (...) (FOUCAULT, 2004b, p.12).

Foucault dizia que cada fase da vida corresponde a um tipo de “cuidado de si”, cabendo à infância e à adolescência o cuidado do corpo e do caráter, para que os jovens não se corrompam antes de cuidar da cidade e da política. Era preciso aprender a cuidar de si, através do corpo e do caráter.

Martins (1986, p. 63) apresenta sobre a morte de um ente querido: “importa agora que se perceba o menos possível a morte ocorrida; manifestações de luto e emoções são condenadas e abolidas; não se tem mais o direito de chorar a perda de entes queridos”.

Segundo Martins, chorar a perda de um ente querido é um direito, que está sendo reprimido pela nossa sociedade. Os colegas de classe que não gostam de ouvir o discurso sobre a morte do filho de Rosa apresentam este comportamento, um discurso que é um interdiscurso sobre a interdição da morte na sociedade em que vivem. Para Freud, “quando se trata da morte de outrem, o homem civilizado cuidadosamente evita falar de tal possibilidade.” (FREUD, 1925, p. 327).

A escola apresenta uma contradição, no momento em que acolhe a pessoa enlutada, não possibilita a realização do luto. Como representante desta sociedade cujo discurso sobre a morte foi interdito, ela interdita o discurso daquele que acolheu, não o autorizando e mesmo impedindo que se fale sobre assuntos tabus entre seus muros. Sendo a morte contemporaneamente um grande tabu para todos, dificulta-se a proposta do cuidado de si para o enlutado.

Para além do pedagógico, a escola poderia criar instâncias para seus alunos dizerem de si, seja através de “diários de bordo”, nos quais os alunos pudessem escrever, por exemplo, o que lhe é significativo naquele dia, seja na sua vida pessoal, seja na sua vida profissional, ou escolar. Em experiências recentes, eu como professora e pesquisadora, tenho me colocado na “escuta”: o aluno escreve e/ou fala sobre suas angústias, medos, ou relatos de vida e ouço sem emitir juízo de valor, nem aconselhamento, mas tentando criar um espaço para eles se expressarem, colocando em prática, na sala de aula, o cuidado de si, como uma prática filosófica em que filosofar é cuidar de si, filosofar é saber cultivar os limites, sendo a morte um desses limites.

## Referências

- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: AUTHIER-REVUZ, J. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1982.
- BRANDÃO, Helena H. N. Introdução à análise do discurso. 2. Ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004.
- ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos*. Seguido de Envelhecer e morrer. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Mini Aurélio século XXI Escolar – *O minidicionário de língua portuguesa*. 4.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Org.). *Glossário de termos do discurso...* Porto Alegre: Instituto de Letras da UFRGS, 2003.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- \_\_\_\_\_. M. A escrita de si. In: FOUCAULT, Michel. *Ética, sexualidade e política*. Coleção: Ditos e Escritos V. São Paulo: Forense Universitária, 2004a.
- \_\_\_\_\_. M. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: FOUCAULT, Michel. *Ética, sexualidade e política*. Col. Ditos e Escritos. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004b.

- \_\_\_\_\_. *História da sexualidade 3. O cuidado de si*. 9. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.
- FORBES, J. *Inconsciente e responsabilidade: Psicanálise do Século XXI*. São Paulo: Manle, 2012.
- FREUD, S. (1925). *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- KÜBLER-ROSS, Elizabeth. *Sobre a morte e o morrer*. 3. ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editores Ltda, 1987.
- \_\_\_\_\_. *A roda da vida: memórias do viver e do morrer*. 2.ed. Sextante. Rio de Janeiro: Sextante, 1998.
- KOVACS, Maria Júlia. *Educação para a morte; desafio na formação de profissionais de saúde e educação*. 1.ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, FAPESP, 2003.
- MARTINS, José de Souza. (Org.). *A morte na sociedade brasileira*. São Paulo: HUCITEC. 1983.
- ORLANDI, E. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 6. ed., 2005.
- PÊCHEUX, M. *Análise automática do discurso (AAD-69)*. In: GADET, F.; HAK, T. Por uma análise automática do discurso. 2. ed. Campinas: Unicamp, 1993.(a).
- SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SILVA, J. P. *Da morte e do morrer: a escrita de si por alunos da rede estadual paulista*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade São Francisco. Itatiba. 2011.

Submetido em 25/03/2014

#### ANEXO (Entrevista Rosa)

“Eu sou empregada doméstica. Há cinco anos eu tive a morte do meu filho ele faleceu de infarto clínico. Eu conversei com ele no domingo e na segunda feira por volta das seis e meia quando eu fui acordá-lo pra ir trabalhar, ele já estava morto. Aí foi... O mundo acaba né? É uma barra né? Um pai, uma mãe, um irmão que você perde. Você consegue superar mais rápido, mas um filho. É uma dor que não tem o que você dizer não. Não tem superação. Um filho é uma dor que não tem superação. Ele estava numa fase muito boa da vida. Ele ia ser pai. A namorada estava grávida de três meses e então ele estava muito contente devido a relação que ele tinha com o pai dele que não era uma relação de carinho, de afeto e sim o lado financeiro, ele sempre falava que ele queria um filho pra mostrar pro pai dele como que se amava um filho. Ele tava muito contente com essa gravidez. Ele queria este filho. Eles tinham planejado esse filho para fevereiro. Ele conversou comigo e disse e disse: “Mãe eu vou engravidar a Tabata”. Ele morreu antes. Morreu dia 22 de dezembro. Morreu na antevéspera de natal. Sabe faz cinco anos que ele morreu, mas pra mim é como se fosse hoje. É uma dor que não tem igual, que não tem comparação. A cada dia 22, você lembra disso, você tenta não sofrer por isso, mas é inevitável. Mas a vida segue, infelizmente, a vida segue. Ele era filho único. Quando ele morreu fazia um ano que eu estava separada do pai dele. Então foram duas dores. Eu me recuperando de uma separação e veio uma dor pior ainda que foi o falecimento dele. E difícil porque se pelo menos eu pudesse ter contato com o meu neto, essa dor diminuiria um pouquinho, mas faz três anos

que eu não vejo o meu neto. A mãe dele não deixa. Faz três anos que eu não consigo ter nenhum contato com o menino. Eu só voltei a estudar agora com trinta e cinco anos. É complicado é uma coisa muito complicada. Por mais que eu chore que sinta. É difícil. É muito difícil. Devido a relação que eu e ele tínhamos. Nos não éramos mãe e filho, nos éramos amigos. Eu contava tudo pra ele. Ele contava tudo pra mim. Eu criei ele assim. Eu fui pai e mãe dele porque a parte afetiva, ele era pequeno, eu reunia os amigos dele e ia jogar bola com eles. Ele queria ir pro parque era eu que levava. Era eu que brincava com ele nos brinquedos. Eu perdi a minha mãe com 4 anos. Minha mãe era alcoólatra. Eu não consigo sentir nada pela minha mãe. Eu não consegui sentir falta dela. Eu queria ser pro meu filho o que a minha mãe não foi pra mim. E isso eu sei que eu consegui. Eu sei que ele se foi, mas eu sei que eu consegui ser a mãe que eu queria ter tido. E eu não tive. Me faz falta sim. Me dói muito porque eu não perdi um filho só. Eu perdi a minha companhia. Eu perdi tudo. Tem dia que eu paro, eu falo: “Meu Deus eu não vou agüentar. Eu não vou pra escola. Eu vou trabalhar porque eu tenho que trabalhar. Eu vou cair numa depressão”, mas eu tenho que lutar contra isso porque eu sei que não era isso que ele queria. Meu filho era uma criança assim, era um adolescente, porque quando ele morreu ele estava com dezoito anos. Ele era um filho exemplar. Enfim, é muito duro. E muito difícil. Essa perda é uma dor que não tem superação. Não tem. Eu vou continuar vivendo a minha vida, trabalhando, lutando e aprendendo a conviver com essa falta, com esse vazio que fica, mas é a vida. Você vai fazer o que né? Não tem outra saída. Quando eu me casei, eu engravidei dele eu tinha 14 anos. Eu parei de estudar. Eu trabalhava, mas assim, parei com o trabalho, eu parei com tudo, me casei com o pai dele e me dediquei simplesmente, eu sou um tipo de pessoa, assim eu sou decisiva. Então eu decidi quando eu me casei eu falei: minha vida ser pro meu filho e pro meu marido. Então eu abandonei tudo abandonei trabalho abandonei a escola e nisso os anos foram passando ai eu descobri uma traição do meu ex- marido. E eu acabei com o casamento porque eu não consigo viver na mentira. Pro meu filho foi muito difícil. Quando ele morreu, ele tava um pouco depressivo por causa disso, por causa da separação. Ele não queria demonstrar pra mim. Um ano depois que ele morreu eu fiquei sobre a base de calmante, médicos calmante, porque eu achava que eu tinha que morrer junto. Só que desse um ano eu parei, me deu uma luz assim, eu comecei lembrar das conversas minhas com ele e ele falava mãe você precisa reagir. Eu sonhava com ele. Eu conversei com ele em sonho, ele só falou assim pra mim: “Mãe eu to bem, eu só preciso que a senhora reaja”. Ele só veio por causa do meu sofrimento. Depois disso eu decidi, eu falei: Não. Eu vou ser o que ele queria. Ai eu voltei trabalhar eu comecei procurar emprego. Que é esse emprego onde eu estou faz 4 anos. Eu voltei a estudar. Faz 2 anos. Voltei na sexta série. Não me arrependo não. É corrida a minha vida. Porque eu saio do serviço direto pra escola, só que eu prefiro assim pra não ter tempo de parar pra pensar. Porque se eu parar pra pensar eu enlouqueço. Eu moro sozinha atualmente. Tive um desfalque muito grande com meu ex marido, mesmo depois da morte do meu filho de todas as minhas dores. Ele ainda me aprontou mais uma. A gente tinha um apartamento e ele simplesmente não pagava o condomínio. Fui chamada pela síndica pra me avisar que o apartamento estava indo pra leilão. Resultado to pagando aluguel, to me sacrificando. Vou conseguir vencer com a ajuda de Deus e eu sei que onde o meu filho estiver também, ele sempre vai está olhando por mim, porque é o meu filho. Quando eu voltei a estudar eu fui muito bem recebida. A direção da escola ainda é a mesma da época que o meu filho estudava aqui. Quando eles souberam que era o meu filho, eles procuraram me apoiar, pra não me deixar cair, pra eu não desistir, pra eu lutar. Então a escola pra mim foi muito importante, foi muito importante mesmo nesse sentido. Não a escola em si, mas as pessoas que a compõe, a direção, a secretaria, tanto que eu tenho amizade com todos, na escola, sou muito querida por todos, pelos meus professores, se não fosse por eles eu acho que eu não teria conseguido não. Que eu não teria chegado aonde eu cheguei. Eu to terminando o segundo pra fazer o terceiro. Eu acho que se não fosse pelo apoio dos membros da escola eu jamais teria conseguido. Entre professores, coordenação como eu já te falei. Por mais que esse é um assunto dolorido. É um assunto muito dolorido, mas me faz bem falar disso. Sabe. Eu consigo desabafar. Sabe. Você expondo é uma coisa realmente dolorida, mas me faz bem assim eu não fico com aquilo guardado pra mim, eu consigo desabafar, eu consigo esclarecer que não está sendo fácil mesmo. Mas ao mesmo tempo é bom pra mim. Não só com você, mas tocar neste assunto dolorido. É dolorido só que hoje em dia eu consigo ver isso como refúgio? Não. Não seria um refúgio. Seria uma saída pra eu poder ir aceitando isso que aconteceu, e, se você não conversa, se você não fala você vai guardando pra você, é aonde sua cabeça vai ficando

mais confusa você pensa: Eu vou desanimar, eu vou parar, mas eu não posso de forma nenhuma eu não posso. E bom, e bom conversar por mais dolorido que seja é bom eu me desabafo, você vê que eu chorei um pouco, mas agora eu já estou mais controlada, lembrar da fisionomia dele, lembrar do momento que eu encontrei ele ali. Porque eu fiquei grávida dele assim de repente. Da mesma forma que ele veio de repente, ele foi de repente. Então estava escrito. Que ele seria esses dezoito anos pra ele me fazer ser a pessoa que eu estou tentando ser hoje, porque se eu posso dizer uma palavra escrito felicidade, foram esses dezoito anos que eu tive meu filho comigo. Era tudo que eu tinha pra dizer. Era tudo que eu precisava. Eu tenho que ter porque se eu não for forte, não lutar, eu caio pra eu não cair eu tenho que reagir, Por mais dolorido que seja eu tenho que reagir. Por que eu sou uma pessoa seletiva, eu não tenho colegas, eu tenho amigos. São bem poucos. Esse que são meus amigos, eles me vêem chorando eles já sabem o motivo. Eles não procuram perguntar muito. Apenas: Rosa sai lá fora um pouquinho, chora um pouquinho depois você volta, porque eles já sabem por que eu to chorando, principalmente todo dia 22. Todo mês, dia 22. Eles entendem. Eles sabem o motivo porque, então eles não me cobram. Eles esperam passar esse choro pra gente conversar. Você quer conversar? Você quer falar? Mas ai, eu não quero porque eu já chorei, então, não tem muito, o que falar.